

PADRE AMARO GONÇALO F. LOPES

SEMANA DE ATUALIZAÇÃO PARA O CLERO

SEMINÁRIO DIOCESANO DO FUNCHAL



PARÓQUIAS MISSIONÁRIAS. COMO?

23 DE JANEIRO 2019

DIOCESE DO FUNCHAL

Ser Cristão, viver em Missão

INTRODUÇÃO:

A PARÓQUIA, CENTRO DE CONSTANTE ENVIO MISSIONÁRIO

“A Paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser «a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas». Isto supõe que esteja realmente em **contacto com as famílias e com a vida do povo**, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, **nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos**. A paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração. Através de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização. É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário. Temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto, tornando-se ainda mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-se completamente para a missão” (EG28).

Como o Papa, e enquanto pároco, também acredito que “a Paróquia tem futuro”, mas isto implica aceitar o desafio de se deixar renovar, de se adaptar, o que implica uma verdadeira criatividade missionária.

A paróquia pode ir mais longe do que a simples resposta às necessidades “religiosas” e aos “pedidos” por ocasião dos sacramentos, quantas vezes permeados de algum paganismo, para cuidar também da formação e do espírito de missão de cada um dos batizados.

Deve ser e aparecer, no coração do povo, como seu oásis espiritual, como instância de sentido e de esperança, para a vida de todas as pessoas, que nela habitam. E é importante que a sua vida seja bem divulgada, mais conhecida para não cair na irrelevância.

A Paróquia dever continuar, no coração de uma terra, a dar-lhe alma, a oferecer aos seus habitantes a Palavra e os Sacramentos da Vida, a alegria e o testemunho da caridade divina, o culto e a cultura, capaz de amparar as pessoas, no seu caminho para Deus, na sua busca da beleza e da felicidade.

Aqui estão alguns critérios para tornar a paróquia mais missionária:

a) a proximidade da paróquia às pessoas, o que implica conhecer o terreno e saber realmente o que as pessoas precisam. Muitas vezes temos ideias feitas ou perfeitas, mas não vão ao encontro das reais necessidades da vida das pessoas; isto implica maior entrosamento das paróquias com o tecido social e cultural locais; abertura para um trabalho de parceria, de complementaridade, de rede, envolvendo-se no compromisso social da fé.

b) a sua identidade como lugar de comunhão e participação, o que implica superar o clericalismo e promover o protagonismo dos leigos (cf. EF 68-75; 102; 111-134); a tomada de consciência da identidade e missão dos leigos na Igreja não cresceu de forma igual em toda a parte;

c) a completa orientação para a missão, superando o estigma da “introversão eclesial” (São João Paulo II, Ex. Ap. Ecclesia in Oceania 19), de modo que não se ocupe apenas de quem a procura mas de quem anda à procura;

A pergunta fundamental é esta: que queremos fazer das nossas paróquias? Um grupo de eleitos que olham para si mesmos ou uma alma na cidade (Ap.22.2) ou um centro missionário? (EG 28) que dá alma a um Povo?

Como tornar a Paróquia mais missionária? **ASSUMIR UM NOVO ESTILO DE EVANGELIZAÇÃO**

A missão não é tanto uma maneira de demarcar espaços a quem hoje levar o primeiro anúncio do Evangelho, mas é o modo feliz, pobre, despojado e dedicado de o cristão sair de si para levar Cristo ao coração de cada ser humano, seja quem for, seja onde for.

À luz da práxis de Jesus e das exigências deste tempo, podemos apontar algumas características que devem marcar o estilo evangelizador.

I. UM ESTILO AMÁVEL E ACOLHEDOR: IGREJA DE PORTAS ABERTAS PARA DEIXAR ENTRAR E PARA SAIR

A Igreja não é uma prisão, nem um museu, nem uma fortaleza medieval com muralhas, fossos e ponte levadiça. A Igreja é uma casa de portas abertas e flores nas janelas, que acolhe a todos, venham de onde vierem, e a todos oferece uma mesa com pão e vinho. É um lugar de misericórdia, não um lugar de torturas nem uma alfândega que controla tudo.

1.1. Abertas para deixamos entrar (EG 46-47)

É uma casa paterna, materna, cujo ícone eclesial é Maria, que nos introduz a Jesus e este nos leva ao Pai. A Igreja reproduz na história o coração da misericórdia do Pai que Jesus, com a sua vida e ensinamento, nos revelou. Uma misericórdia que se comove perante o sofrimento e o pecado dos seus filhos.

Se São João XXIII disse que, com o Concílio Vaticano II, a Igreja abria a sua janela para que entrasse um pouco de ar fresco na Igreja, agora o Papa Francisco abriu totalmente as portas da Igreja a todos. Todos são bem-vindos.

É nesse sentido que o Papa fala de uma Igreja de «portas abertas», para acolher as pessoas e ir ao encontro das pessoas, qualquer que seja a sua situação. Impõe-se um sério exame de consciência para avaliar a nossa capacidade e prática de acolhimento das pessoas nas paróquias.

No espaço do cartório paroquial, é fácil adivinhar-se a pertinência deste tema e a sua urgência, tendo em conta a fortíssima sensibilidade das pessoas hoje ao modo como são recebidas e tratadas. Pelo que importa fazer uma abordagem séria a esta temática, para uma resposta mais adequada e mais evangélica.

As paróquias têm de primar pela qualidade do seu ambiente humano e cristão, pela beleza e atração das suas celebrações, pela qualidade dos serviços que prestam, a começar por um acolhimento alegre e exigente, por um diálogo paciente, face a face, e não pela afronta ou pela exibição do poder da estrutura sobre quem vem pedir qualquer coisa e nem sequer sabe falar o nosso «eclesialês».

Estamos contaminados pelo “vício administrativo” nas nossas paróquias, quando elas, na sua organização, horários e estilos, não são muito diferentes das repartições de finanças ou dos CTT, com todo o respeito para os seus funcionários.

As chamadas “periferias existenciais” estão todos os dias a entrar-nos pela porta dentro e não vale a pena ter um grande impulso para se fazer ao mar, se não cuida bem das pessoas em terra. Um mau acolhimento, uma celebração descuidada, uma homilia desastrada, uma exigência desproporcionada, uma decisão insensata... são uma enorme pedra de tropeço no caminho dos crentes em demanda, cuja fragilidade emocional não suporta o nosso “primarismo pastoral”.

1.2. Abertas para podermos sair (GE 136)

As portas abertas indicam acolhimento aos que chegam de fora. Mas a Igreja não deve esperar que cheguem de fora às suas portas; tem de sair para a rua, ir às periferias, às fronteiras geográficas e existenciais, ainda que com o risco de ter acidentes.

Não é uma Igreja encerrada em si mesma, autorreferencial, preocupada somente com os seus escândalos ou os seus problemas clericais, mas *ma* Igreja que procura o que está perdido, que sai ao encontro do necessitado, que atravessa os caminhos empoeirados do mundo e escuta o clamor do povo, as suas dificuldades e anseios, como fazia Jesus de Nazaré ao percorrer os caminhos da Galileia ou da Judeia.

Isto faz com que a Igreja não tenha nostalgia do passado, mas que se abra ao futuro e aos sinais dos tempos, aos novos areópagos. É uma Igreja em saída. “*Pergunto-me – diz o Papa Francisco – se às vezes Jesus não estará já dentro de nós, batendo para que O deixemos sair*” (GE 136).

Jesus não quer ficar *preso* dentro de nós, no conforto da nossa casa, com portas isoladas e janelas de vidros escuros ou duplos, que nos impedem de ouvir e de ver o que se passa lá fora ou que nos mantêm comodamente à varanda ou à janela *a ver a banda passar!* Não.

Jesus bate hoje à porta do nosso coração, para que O deixemos sair e para que saíamos com Ele e ao encontro d’Ele em todos aqueles a quem somos enviados, e que vivem na nossa casa, são companheiros de escola ou de trabalho, moram na nossa rua e são a boa gente da nossa terra.

Somos constantemente desafiados a sair da missa para a missão, de modo que a porta do nosso coração e desta Igreja esteja sempre aberta, não só para deixar entrar quem nos procura... mas para nos fazer sair ao encontro de quem anda à procura a Deus e precisa de encontrar um interlocutor, um ouvinte, uma estrela no caminho da fé.

“*Saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo*” (EG 49)! Não nos tornemos uma Igreja curvada sobre si mesma, doente, a cheirar a mofo, medrosa, cansada, viciada na rotina, sem ardor missionário. Cada cristão, e esta nossa comunidade, têm de discernir qual é o caminho que o Senhor lhes pede, mas todos somos convidados a aceitar este desafio: sair da própria comodidade e ter a coragem de irradiar a alegria e a luz do evangelho onde fazem mais falta

1.3. Portas abertas também para os sacramentos

Alguns perguntarão: acolher os pedidos de sacramentos, sem mais, não transformará a ação pastoral numa lógica de bilheteira e a paróquia numa estação de serviço?

Não deveríamos esquecer, porém, que as pessoas que vêm pedir um sacramento à Igreja conferem a esta um peso simbólico, que tem realmente algum sentido para elas.

É preciso passar de uma pastoral de enquadramento e de transmissão ou reprodução (pastoral da cristandade), a uma pastoral de gestação, de proposta, de experiência e testemunho. Sem o testemunho vive-se ainda na conquista. Só com o testemunho se permite o acesso à fé, graças à presença de um outro crente, de uma ou várias testemunhas. A Igreja deverá aparecer, não como instituição perene, depositária de verdades, mas como acontecimento que reúne os homens em nome de Cristo.

É um erro pensarmos que os pedidos dos sacramentos estão baseados apenas em motivos sociológicos e que, por isso, não têm nenhum valor.

Há, com certeza, uma diferença entre a motivação dos que pedem os sacramentos e as expectativas dos agentes pastorais, mas seria simplista ver nisso uma simples questão de diferença na intensidade da fé, como se de um lado estivessem os que têm uma fé sólida, refletida e equilibrada e do outro os que teriam uma fé imprecisa, pouco aprofundada, próxima da superstição ou da conveniência social.

Os que pedem o batismo, para proteger o filho não têm necessariamente uma fé menor do que a do agente pastoral ou do pároco, mas ela é então vivida e expressa de forma diferente.

Lembre-mos que o Evangelho não nos coloca a todos dentro da mesma forma, mas gera-nos para a vida de Deus, naquilo que nós temos de único e pessoal.

Que fazer, perante este cenário, em que a Igreja parece ter perdido o controlo da situação e se transforma numa estação de serviço?

Sugerimos acompanhar a pastoral de acolhimento com uma pastoral de proposta, de modo a estabelecer a diferença entre a proposta cristã e o rito social de integração, que deseja.

Não se trata de negar o valor desse rito, nem de recusar o sacramento, mas antes fazer a proposta de um passo adiante. Isso significa que não se trata de acolher passivamente o pedido, mas ter uma atitude proactiva, tomando a iniciativa de propor algo mais. Acolher com exigência é o caminho.

Não se trata, pois, de pôr *condições de acesso*, mas de propor caminhos de aprofundamento e de empenhamento da fé. Esta pastoral da proposta exige um diálogo pastoral, que é feito de acolhimento e interpelação.

1.3.1. A preparação para os sacramentos como experiência missionária

Outra dificuldade, que tomamos como desafio, é a de fazer da preparação para os sacramentos, sobretudo para o batismo e matrimónio, um “*momento missionário*” (Bento XVI), uma oportunidade para o anúncio do Evangelho (cf. P. Bacq - C.Theobald) e não, na ótica de quem os pede, “*um mau momento por que tenho de passar*”, ou “*o preço que tenho de pagar para ter direito aos sacramentos*”.

É preciso olhar, para quem nos bate à porta, a pedir um sacramento, não como um “*problema pastoral*”, mas como uma bênção a acolher, uma nova oportunidade para o anúncio do Evangelho.

Corre-se, aliás, o risco de uma certa instrumentalização dos fiéis e dos sacramentos, quando se apresenta, como condição *sine qua non*, a realização de um “*curso de preparação*” para ser padrinho, para ser crismado, para casar... quando na verdade, não é disso que se trata, porque não há «curso» para ser marido e esposa, pai ou mãe, padrinho ou madrinha, ou mesmo para ser padre.

E infelizmente nos nossos cartórios paroquiais, é comum encontrar pessoas que, em vez de escutar e “*tirar as medidas*” para oferecer um “*fato à medida*”, prefere-se impor o “*fato pronto-a-vestir*”.

Em vez de acolher, com alegria, estamos a exigir, sem piedade.

Em vez de propor um percurso, estamos a impor um curso.

Em vez de escutar a história de cada um, onde se vislumbram tantos sinais de Deus, temos a nossa narrativa depressa a debitar.

Em vez de dialogarmos, de igual para igual, temos a tentação de falar “de cima da burra”, com a autoridade do nosso lugar, deixando os outros sem resposta.

Temos, pois, de agradecer aos não praticantes, aos distantes, aos dispersos, quando nos batem à porta, mesmo sem saber bem todo o alcance do que nos estão a pedir. Porque são então as ditas «periferias» a entrar-nos pela casa dentro, quando, em bom rigor, devíamos ter sido nós a sair ao seu encontro.

Fala-se hoje muito de sair ao encontro das “*periferias*”, de ir às casas das pessoas, de lhes falar ao coração, mas esquecemo-nos de acolher misericordiosamente as pessoas (Diocese do Porto, Plano Diocesano de Pastoral 2015-2020, Porto, p.31), que nos procuram e batem à porta e enfrentam a máquina burocrática ou a alfândega da paróquia, onde se fala tantas vezes um calão eclesialístico, que eles tampouco poderão compreender.

Ora “*a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante*” (EG 47).

Isto exige, de todos, uma conversão pastoral, porque não basta protestar e dizer que as pessoas fazem da paróquia *uma estação de serviço* enquanto nós, tantas vezes, organizamos e construímos uma Igreja, segundo o modelo dos serviços públicos, com horários rígidos e taxas fixas.

Os agentes pastorais devem alegrar-me com cada pessoa, com cada família, com cada bebé, porque a “ovelha” voltou ao redil e temos uma boa oportunidade de conversar. E, deste modo, o incómodo das situações ditas “irregulares” transformam-se, em “oportunidades” de diálogo e de anúncio, de proposta e de aprofundamento das motivações, de conhecimento e de acompanhamento, com toda a paciência e misericórdia.

1.4. Uma opção missionária capaz de transformar tudo (EG 27)

Desafia-nos o Papa: “Igrejas abertas. Secretarias com horários para as pessoas que trabalham. Catequeses adequadas nos conteúdos e nos horários da cidade. Temos mais facilidade para fazer crescer a fé do que para a ajudar a nascer” (Papa Francisco, Discurso, 27.11.2014).

“Se a paróquia já não é suficiente para comunicar o evangelho no espaço urbano permanece como lugar de refúgio, a bel-prazer. Deixar-se interrogar pela cidade e pelas suas mudanças dá vida a respostas inovadoras, sem confins físicos e leva a ir além dos hábitos, nos horários, nas celebrações”¹.

Um bom acolhimento, mas com altas expectativas, é a maneira mais respeitosa de corresponder às necessidades das pessoas.

- *Estamos disponíveis para ver e rever horários das secretarias? Estão ajustados às necessidades?*
- *Estamos disponíveis para ver e rever horários de abertura das Igrejas? Respondem à procura?*
- *Estamos disponíveis para ver e rever o número e horários das Missas? São de mais? São de menos? Há “concorrências” e “sobreposições” de horários, em Igrejas e capelas, do mesmo território? Como “racionalizar”?*
- *Os horários e o modo de funcionamento da Catequese estão adequados? Seria porventura oportuna uma organização interparoquial da Catequese, onde a frequência desta não permite a constituição de grupos viáveis (por excesso ou por mingua) ou não responde ao problema da mobilidade e da divisão no interior das famílias?*
- *Estamos disponíveis para tornar acessível os sacramentos do Batismo?*
- *Como respondemos aos adultos que pedem o batismo? Temos um Catecumenato organizado para a Cidade?*
- *Que possibilidades há para a celebração do Sacramento da Reconciliação, em termos de horários e lugares? São conhecidas?*
- *Os percursos de preparação para os sacramentos (Batismo, Matrimónio) respondem às necessidades? Ou o esquema é demasiado rígido e muitos ficam de fora? Como melhorar?*

¹ DOM CARLOS AZEVEDO, Conferência sobre Dom António Barroso, Paróquia de Nossa Senhora da Hora 19.05.2018.

II. UM ESTILO DIALOGAL: escuta, proximidade e acompanhamento: Uma igreja samaritana em diálogo profético.

2.1. Presença e proximidade

Devemos dar ao nosso caminho o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão...» (EG 169).

«Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que «é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração, que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual» (EG 171).

Todo aquele que procura um sentido, por muito afastado que esteja da fé e da vida cristã, é animado pelo Espírito e pode contribuir para gerar a Igreja para a novidade do dom de Deus, que trabalha o nosso mundo.

É preciso descobrir na vida dos não praticantes e dos afastados sinais do Espírito em ação, vestígios do mistério desse Deus que nos precede.

2. 2. Cultura do encontro

As paróquias são chamadas a promover aproximação espiritual. E cultivar o encontro pode acontecer até por atividades económicas (café, albergue...) como experiência de hospitalidade, de acolhimento, de encontro.

As paróquias são chamadas a procurar e cuidar o encontro direto, físico de pessoas que “andam longe” da paróquia.

Neste sentido, reiteradas vezes o Papa desafia-nos a promover uma verdadeira cultura do encontro de modo simples, como fez Jesus: não só vendo, mas olhando, não apenas ouvindo, mas escutando, não só cruzando-se com as pessoas mas detendo-se com elas, deixando-se arrebatado pela compaixão. O nosso grande desafio – disse o Papa – é criar uma cultura do encontro, que alente cada pessoa e cada grupo a partilhar a riqueza das suas tradições e experiências, a abater muros e a construir pontes.

“Como são belas as cidades que superam a doentia desconfiança e integram os diferentes, e que fazem de tal integração novo fator de desenvolvimento” (EG 210).

Este é realmente o caminho: restituir dignidade às pessoas com rostos e com histórias únicas, valorizar o mais pequeno e insignificante dos fragmentos de vida para obter percursos humanizantes. Implica conhecer a realidade do tecido urbano, rua a rua, palmo a palmo, identificar os problemas e os desafios. Implica contribuir para que a cidade seja habitável para todos e onde cada um encontre o seu lugar.

Somos constantemente desafiados a sair ao encontro de quem anda à procura a Deus e precisa de encontrar um interlocutor, um ouvinte, uma estrela no caminho da fé. A pastoral, sobretudo na cidade, deve pôr o maior número possível de batizados em condições de ser guias hábeis e amorosos nestas difíceis transposições de fronteiras que ocorrem diariamente na cidade”.

Formamos pessoas portadoras de vida, habilitadas para discernir, integrar, conviver, dialogar?

2.3. Cultura do encontro, também no diálogo pastoral

O diálogo pastoral fica inquinado quando, à partida, o interlocutor está diante de alguém que lhe aparece como “superior”, de modo que não há verdadeira paridade nem recetividade!

Muitas vezes as pessoas que vêm pedir o sacramento estão longe de lhes conferir o sentido teológico que a Igreja lhes oferece. Como respeitar as suas expetativas, sem pôr a saldo o mistério da fé? Eis uma questão pastoral, de grande relevância.

O diálogo pastoral não devia fazer-se no pressuposto de que estão *de um lado* os que sabem e *de outro* os que não sabem nada! E se nós (agentes pastorais) nos puséssemos à escuta do outro e nos convertêssemos ao outro, deixando-nos também interpelar e enriquecer?!

No diálogo entre agentes pastorais e os que pedem os sacramentos é preciso passar da lógica do frente a frente, à lógica do caminhar juntos.

É preciso centrar-se mais na pessoa que faz o pedido, do que no pedido feito. É preciso que o discernimento seja feito em comum.

No diálogo pastoral, não se pode esperar que os requerentes dos sacramentos falem o nosso calão eclesial, o nosso teologuês ou eclesialês.

A sua gramática de Deus é outra. E, em rigor, o acesso direto àquilo que habita as pessoas, para além das suas palavras, permanece barrado. Nós não podemos escapar à materialidade da linguagem. Teremos de nos aproximar com empatia e solicitude. Estaremos mais atentos ao mistério do outro, do que prontos a avaliá-lo.

Há que passar do diálogo dialético (confrontação crítica de posições diferentes) ao diálogo dialogal, ao diálogo humilde, capaz de escutar a história do outro; ao diálogo empático, capaz de entrar na história do outro; em que ambos os interlocutores se reconhecem iguais, renunciando cada um a exercer o poder sobre o outro. O diálogo dialético erra o alvo e fica preso a poderes de argumentação racional.

É preciso que o agente pastoral cuide por que o seu estatuto na instituição não o coloque superiormente acima do outro. Importa estar recetivo a aprender de quem nos pede e interpela, para fazer um discernimento com os requerentes e não por eles. Responsáveis pastorais e requerentes poderiam descobrir juntos novos significados para os ritos que celebrarão em comum².

III. UM ESTILO DE VIDA POBRE E SIMPLES: Uma Igreja pobre de meios, mas rica no amor

O sonho de João XXIII ao começar o Concílio Vaticano II, a opção pelos pobres da Igreja latino-americana em Medellín e Puebla, a afirmação de Bento XVI de que «a opção pelos pobres» está implícita na nossa fé, as afirmações do Documento de Aparecida de que não se pode falar de Deus sem falar dos pobres (EG 393) prolongam-se no desejo de Francisco de uma Igreja pobre e para os pobres (EG 197-201).

3.1. Uma Igreja pobre

A pobreza e a simplicidade são a sua carta de identidade, a sua credencial. A sobriedade e a simplicidade, da Igreja, em todos os seus membros, é hoje uma marca fundamental do testemunho cristão credível, atraente e transparente.

² cf. PHILIPPE BACQ-CHRISTOPH THEOBALD, *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013.

E, por isso, o discípulo missionário é enviado como um pobre, quer dizer, alguém pronto a receber, pronto a acolher, porque Jesus está já presente naquele pobre a quem O anuncia.

O discípulo missionário não se pode assustar ou deixar bloquear com a pobreza de meios: “Como posso, com isto, dar de comer a cem pessoas?» Ou: “Que é isso para tanta gente (Jo 6,)?”

O discípulo aprende de Jesus que a pobreza de meios faz parte da sua identidade e condição.

É na medida em que o discípulo se sente carenciado, dependente de ajuda, que ele abre espaço para Deus agir e o surpreender com a Sua superabundância! Na simplicidade de vida e na míngua de meios, o discípulo missionário dá a cara por Jesus! Também para o discípulo missionário, “o meio é a mensagem” (Marshall McLuhan).

No seu estilo de vida já diz tudo: donde vem e ao que vem! Vem livre e feliz do seu encontro com Jesus. E, pobre como Ele, sai ao encontro dos mais pobres!

Por isso São Francisco dizia aos seus frades: “É necessário pregar o Evangelho, às vezes também com palavras”, porque primeiro anunciamo-lo com a vida pobre e simples, autêntica e transparente. Como nos pediu o Papa Francisco, em Fátima, na conclusão da sua homilia: “uma Igreja, que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor” (Papa Francisco, *Homilia*, 13.05.2017).

Não se pode evangelizar os pobres, senão com os pobres, senão como pobres! O discípulo missionário anuncia e testemunha Jesus tatuado, estampado, refletido no seu próprio estilo de vida.

3.2. Uma Igreja para os pobres

A “saída” missionária para as periferias implica uma clara “opção preferencial pelos pobres”, na linha do Concílio Vaticano II, como nos recomenda insistentemente o Papa Francisco:

“Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de **chegar a todos, sem exceção**. Mas, a quem deveria privilegiar? (...) Hoje e sempre, «**os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho**», e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos” (EG 48). “Somos desafiados na Igreja a assumir uma clara opção preferencial pelos pobres. Urge que

sejamos uma Igreja pobre, para se irmanar com os pobres e para que estes se sintam na comunidade cristã como em sua casa” (PDP 2015/2020, p.13).

Na entrevista que deu à revista *Civiltà Cattolica*, o Papa esclarece a sua proposta:

«Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha, depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave, se tem o colesterol ou o nível de açúcar altos. Primeiro, devem-se curar as suas feridas. Depois podemos nos ocupar do restante. Curar as feridas, curar as feridas... e é preciso começar por baixo» (19 de agosto de 2013).

“Há tantos pobres, vítimas de antigas e novas formas de pobreza. Existem novas pobreza! Pobrezas estruturais e endémicas, que excluem gerações de famílias. Pobrezas económicas, sociais, morais e espirituais. Pobrezas que marginalizam e descartam as pessoas, filhos de Deus. Na cidade, o futuro dos pobres é uma pobreza ainda maior. É preciso ir ao seu encontro” (Papa Francisco, Discurso, 27.11.2014).

- **Que respostas oferecemos de modo que os pobres se sintam na Igreja como em sua casa?**
- **Que respostas a novas pobreza estamos a descurar? Como as podemos articular na cidade?**

IV. UM ESTILO FAMILIAR

Precisamos de passar de uma pastoral sobre a família ou *para* a família a uma pastoral *em* família, com a família, *da* família, de modo que as famílias se tornem sujeitos ativos da pastoral familiar (cf. AL 200; 287).

4.1. Paróquia: uma família de famílias

Fazer crescer a Paróquia, como uma “*família de famílias*”, como “*casa e escola de comunhão*” (São João Paulo II, N.M.I.43), em que todos se sintam “*como em sua casa*” (EG 199), a começar pelos mais pobres e frágeis, é talvez o desafio, que fica a montante de todas as outras atividades, que são levadas a cabo pela Pastoral Familiar.

Talvez a Pastoral Familiar não deva ser “*uma agenda de iniciativas e programações pastorais*”, “*para as famílias*”, mas a criação de um clima familiar, na vida das comunidades, em que as famílias se geram e

regeneram na fé, em que crescem e frutificam no amor, num processo de geração de vida nova, em que elas mesmas se sentem protagonistas da solicitude da Igreja, por todos, e por cada um, desde o nascimento à morte (cf. J. J. Pérez-Soba)³.

Muitas vezes sinto que a Pastoral familiar está dispersa num conjunto de iniciativas, sem horizontes, apostada em resolver problemas, em vez de os antecipar; e isto já, para não falar, por exemplo, numa certa pastoral da juventude, centrada na ocupação de tempos livres e não na tarefa de ajudar os jovens a construir um projeto de vida.

Há, de facto, um *espírito familiar*, na pastoral, quando se cuida do acolhimento, sobretudo dos mais frágeis e vulneráveis, quando se desenvolve a proximidade com todos, quando se geram laços de fraternidade e de caridade entre os fiéis, quando se acompanham as pessoas, nos seus momentos e nos eixos existenciais das suas vidas, quando se atende aos percursos pessoais e às etapas de crise e de crescimento de cada um... quando a Igreja se revela então uma “*Mãe de coração aberto*” (EG 46;47), capaz de acolher e gerar a vida, capaz de alimentar, de perdoar, de curar as feridas e de festejar cada passo, cada etapa (AL 163), da vida e da alegria do amor em família. Cabe às famílias serem protagonistas da pastoral familiar:

4.2. Famílias missionárias

Como é que as nossas famílias se podem tornar missionárias”? Em jeito de Decálogo, podemos dizer que uma família torna-se missionária...

1. ***Pela irradiação, junto dos amigos, da alegria do amor na própria vida familiar.*** O amor dos pais e dos casais é, para os filhos, a primeira experiência do amor de Deus. Pais felizes tornam os seus filhos felizes e aprendizes do amor.
2. ***Pela experiência da oração em família,*** que abre o coração a Deus e as mãos aos irmãos. “*A família que reza unida permanece unida*” (AL 227).
3. ***Pela experiência da celebração da fé em comunidade,*** que faz a família sair de si mesma e unir-se à grande família dos filhos de Deus, da qual se faz parte pelo Batismo. Depois, a Eucaristia dominical

³ JUAN JOSÉ PÉREZ-SOBA, *La pastoral familiar. Entre programaciones pastorales y generación de una vida*, Ed. BAC Popular, Madrid 2014.

“é força e estímulo para viver cada dia a aliança matrimonial, como igreja doméstica” (AL 318). Não é bom que o homem esteja só, não é bom que o casal esteja só, não é bom que a família esteja só. As famílias precisam da Igreja e a Igreja precisa das famílias.

4. **Pelo anúncio explícito da Boa Nova**, adaptada a cada pessoa: “a família é o lugar onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para seus filhos” (AL 16). A sala de jantar, o cantinho para rezar são as primeiras salas de catequese!
5. **Pelo acompanhamento atento dos filhos, na catequese ou noutros grupos eclesiais**. Os pais, primeiros e insubstituíveis educadores da fé, não podem delegar a sua missão. Podem apenas contar com a ajuda de outros para cumprir a missão que, em primeiro lugar, lhes diz respeito.
6. **Pelo discernimento atento da vocação dos filhos**, dos seus sonhos e ideais. Na família, todos devem entreajudar-se para que cada um “assuma a totalidade da vida como missão” (GE 23). “Também a decisão de se casar e formar uma família deve ser fruto de um discernimento vocacional” (AL 72).
7. **Pelo apoio dos casais cristãos a outros casais**, na disponibilidade para os acolher, preparar, formar e acompanhar, ao longo da vida.
8. **Pela aproximação discreta, atenta, generosa e solidária a outras famílias**, às vezes da própria família, provadas pela miséria, pela solidão, pela divisão.
9. **Pelo exercício da misericórdia, do perdão e da reconciliação no seio da própria família**. A experiência do dom e do perdão a todos renova no amor!
10. **Pelo testemunho da misericórdia com os casais, cujo matrimónio fracassou**, fazendo-lhes sentir que Deus nunca se divorcia ou distancia de quem quer seja.

V. UM ESTILO POPULAR: ATENÇÃO À PIEDADE POPULAR

O Papa Francisco adverte-nos no n.º 28 da EG o risco de a Paróquia se tornar uma estrutura complicada, separada da vida das pessoas. Isso significa e implica proximidade, entrosamento com o povo, reforço da consciência dos fiéis como membros do Povo de Deus, mas também significa e implica precaver-se e defender o povo de Deus, proteger a fé dos simples, dos que não escrevem livros, nem falam na televisão, nem escrevem editoriais em jornais. É preciso proteger a fé dos simples do poder dos intelectuais⁴, que olham com soberberia, para a fé simples do povo, e nomeadamente para as manifestações da piedade popular, bem na linha daquelas suspeitas que se levantavam a respeito de nazaré e se de lá poderia vir coisa boa (cf. Jo 1,46)

⁴ Cf. Artigo de Bento XVI, com o título, «Contra o poder dos intelectuais», publicado em 30 Giorni 2 (1991), 68-71.

A piedade popular, que se manifesta com grande relevância na experiência de fé do povo de Deus, revela a busca do sentido da vida e a abertura do coração humano ao mistério de Deus. Voltados para Nossa Senhora e para os santos padroeiros, os cristãos exprimem a sua fé e enraízam a sua identidade cultural, muito a partir da tradição dos seus antepassados, mostrando uma riqueza de inculturação, que comporta exigências de evangelização e um esforço de purificação, para que seja um verdadeiro caminho de acesso à experiência da proximidade e da beleza do rosto de Deus, revelado em Jesus Cristo.

As diversas expressões da piedade popular constituem um potencial evangelizador, de acolhimento humano, de anúncio da alegria do Evangelho, de acompanhamento das pessoas mais feridas, de encontro e congregação das comunidades.

Como afirma o Papa Francisco «estamos perante um processo através do qual o povo se evangeliza continuamente a si mesmo» (EG 123). Neste sentido, e quando bem orientada, a piedade popular ganha importância, enquanto «verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus». Devemos reconhecer que se trata de «uma realidade em permanente desenvolvimento, cujo protagonista é o Espírito Santo» (EG 122).

Na autêntica piedade popular, «pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se» (EG 123). O Papa Francisco aponta o caminho evangelizador da piedade popular, quando afirma que «por ser fruto do Evangelho inculturado, a ela subjaz uma força ativamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo» (EG 126).

Claro que não é uma realidade isenta de riscos e desvios, como o de uma certa vivência individual e sentimental da fé (cf. EG 70), que pode mesmo chegar a ser alienante e, que, por isso mesmo, precisa de purificação. O que é preciso é escutar e acolher, discernir e purificar, acompanhar e partilhar, orientando-a para Cristo e para o seu Reino, de modo que a generosidade dos pobres reverta a favor dos pobres.

Dentro da piedade popular, tem lugar de destaque a figura de Maria, a quem o Papa chama Mãe da Evangelização (EG 284) e que vós invocais como Senhora do Monte. Fixemos n'Ela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem

operosos evangelizadores (cf. EG 287), “porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto” (EG 288).

SÍNTESE EM FORMA DE DECÁLOGO PARA UMA PARÓQUIA MISSIONÁRIA

Por fim, e em jeito de síntese, permiti-me enunciar um decálogo para uma Paróquia missionária, para vos propor uma espécie de decálogo de valores, a potenciar na cultura da comunidade paroquial. Socorro-me da leitura de um sugestivo livro de James Mallon⁵ sobre a conversão missionária das paróquias, e que propus como desafio do plano pastoral da paróquia da Senhora da Hora.

1. Promover e facilitar a experiência fundamental da alegria do encontro com Cristo, que nos atrai para o Pai e nos dá a graça do Espírito Santo, que nos santifica, anima e envia em missão. Na verdade, na missão que somos, “nenhuma motivação será suficiente se não arder nos corações o fogo do Espírito” (EG 261). Não basta renovar horários e calendários, métodos pastorais, linguagens e expressões da fé e da missão, se não cuidarmos de reacender o ardor da santidade. A vocação universal à missão “todos discípulos missionários” brota da vocação universal à santidade. Pelo que “*não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade* (GE 19). “A

⁵ James Mallon, *Manuel de survie pour les paroisses. Pour une conversion pastorale*, Ed. Artège, 2.ª ed., Paris 2015, 103-212; ou James Mallon, *Una renovación divina. De una parroquia de mantenimiento a una parroquia misionera*, E. Bac 2015. Resumido em Juan Pablo Garcia Maestro, *La opción misionera*, Ed. San Pablo, Madrid, 2018, 96-105. Podíamos resumir assim:

1. Prioridade ao Domingo e à Eucaristia dominical. Despertar a comoção pela beleza da celebração. Vencer a cultura minimalista.
2. Hospitalidade: acolher e alcançar a todos, a começar pelos distantes e estrangeiros. Criar equipas de acolhimento. Começar por acolher bem, nas celebrações.
3. O canto na liturgia é música para a alma. Tocar o mais profundo da alma e do coração. Conciliar o antigo e o novo. Oferecer beleza. Nota do autor: a renovação da Igreja passa por três agás: “*hospitalidade, hinos e homilias*”...
4. As homilias preparadas e partilhadas, como momento celebrativo, com palavras que abracem os corações (EG 135-159) e cheguem ao concreto de todas as pessoas e da pessoa toda.
5. Uma comunidade verdadeira e familiar, onde há verdadeira fraternidade, clima de festa, alegria do convívio, experiência de comunhão. É importante cuidar do pré e do pós-missa...
6. Um bom acolhimento na secretaria paroquial, mas com altas expectativas, é a maneira mais respeitosa de corresponder às necessidades das pessoas.
7. Descobrir os talentos de cada um. Aproveitar os pontos fortes. Dar prioridade às pessoas e aos processos e não aos resultados. Cada um no seu lugar. Mas todos discípulos missionários (EG 119-121).
8. Formação de pequenas comunidades. Grupos de conexão, de ligação, de reflexão... onde o pastor não é um gestor, mas um líder animado e animador, com um sonho e uma visão, um líder que não se distingue pelo número de seguidores, mas pela capacidade de formar outros líderes de pequenos grupos.
9. Experiência do Espírito Santo, que nos santifica e nos anima na missão: “*nenhuma motivação será suficiente se não arde nos corações o fogo do Espírito*” (EG 261). Entusiasmo contagiante e confiante, próprio de um batismo que frutifica num caminho de santidade.
10. Converter-se numa Igreja que convida: “*Vinde e vede*” (Jo 1,39).

santidade é o rosto mas belo da Igreja” (GE 9) e é o que de melhor temos a oferecer para a transformação do mundo.

2. **Cuidar da hospitalidade: acolher e alcançar a todos, a começar pelos mais distantes e estrangeiros. Criar equipas de acolhimento.** Começemos por acolher bem nas nossas celebrações. Temos de melhorar o acolhimento à porta da Igreja, mas também antes e depois das celebrações. Precisamos de aprender a acolher melhor quem chega e pretende integrar-se num grupo, de modo a não se sentir ignorado, acabando por sair desiludido ou escandalizado. Na Pérola do Atlântico, o acolhimento não é apenas uma boa prática de turismo, mas uma exigência evangélica do ser cristão e do viver em missão.
3. **Um bom acolhimento na secretaria paroquial, com empatia e simpatia, com horários adaptados à realidade e às necessidades, mas com altas expectativas, é a maneira mais respeitosa de corresponder às necessidades das pessoas,** de modo que este acolhimento se faça com ternura e exigência, com abertura e discernimento. Não nos podemos esquecer que a atenção às periferias deve começar por aquelas que nos entram todos os dias pela porta dentro.
4. **Dar absoluta prioridade ao Domingo e à Eucaristia dominical. Despertar a comoção pela beleza da celebração.** Vai nesse sentido a formação e acompanhamento dos grupos corais, do grupo de leitores e do grupo de acólitos. Há que valorizar o cuidado posto nas homilias preparadas e partilhadas, como momento celebrativo, com palavras que abracem os corações (cf. EG 135-159) e cheguem ao concreto de todas as pessoas e da pessoa toda.
5. **Abrir o caminho da beleza no acesso a Deus.** Estamos convictos de que o canto na liturgia é música para a alma. Para proporcionar o encontro com Cristo é preciso tocar o mais profundo da alma e do coração. Importa melhorar a presença da Igreja através do diálogo com as artes (teatro, pintura, dança), exposições, debates e parcerias com outras instituições, de modo que também a oferta cultural aproxime pessoas, dialogue com o mundo e abra a todos a via da beleza para o encontro com Deus.
6. **Uma comunidade verdadeira e familiar, onde há verdadeira fraternidade, clima de festa, alegria do convívio, experiência de comunhão.** Nesta perspetiva devem ser valorizados os almoços, jantares, festas, convívios e outras iniciativas da comunidade e dos seus grupos e associações e confrarias. Para ampliar a dimensão familiar e missionária da paróquia é preciso ainda aproveitar mais e melhor

as possibilidades do mundo digital (site, redes sociais) e melhorar a comunicação com a sociedade e a cultura envolventes. Por que não pensar em criar uma pequena equipa de comunicação e multimédia em cada paróquia?

7. **Descobrir e promover os talentos de cada um. Aproveitar os pontos fortes. Dar prioridade às pessoas e aos processos e não aos méritos e aos resultados.** Cada um é um lugar para os outros. Sejam todos discípulos missionários (cf. EG 119-121). Com os agentes pastorais, com os adolescentes e crismandos apostemos nesta cultura do serviço e do compromisso com a missão da Igreja, não como um adorno, um à parte da vida, uma tarefa voluntária (cf. EG 273), mas como exigência interior e consequência do encontro com Cristo e do seu seguimento na Igreja. Precisamos que os agentes pastorais se tornem discípulos e não associados, missionários e não voluntários, como se a Igreja fosse uma ONG. A promoção de uma cultura vocacional é fundamental, para todas os estados de vida, sem esquecer a urgência no despertar das vocações sacerdotais. Essa intenção deve ser constante na ação pastoral e nos momentos de oração.

8. **Dar protagonismo aos leigos e superar o clericalismo.** A comunidade não se torna mais missionária só por ter um Papa atraente ou um pároco zeloso. Uma paróquia urbana precisa de leigos comprometidos na sua missão, de verdadeiros interlocutores com as pessoas que vivem na cidade, de autênticos “vedores”(que fazem descobrir e correr a água viva da presença de Cristo na vida das pessoas), de grupos de conexão, de redes de ligação... onde o pastor não é um gestor, mas um líder animado e animador, com um sonho e uma visão, um líder que não se distingue pelo número de seguidores, mas pela capacidade de formar líderes de pequenos grupos. Quanto maior é a paróquia, mais “pequena” tem de se fazer. Deve ir nessa linha a valorização do Conselho Económico e do Conselho Pastoral, a criação de novos grupos de acordo com as necessidades locais. Precisamos de pequenos grupos, que funcionem como células missionárias. Sim. Mas não precisamos de “grupinhos” e muito menos de uma paróquia transformada “num grupo de eleitos que olham para si mesmos” (cf. EG 28).

9. **Converter-se numa Igreja que convida: “Vinde e vede” (Jo 1,39).** Nenhuma estratégia de missão, nenhuma campanha ou semana missionárias podem substituir a missão assumida por cada um na sua própria terra (cf. EG 273). Que o respeito pela diferença, não nos faça cair na indiferença. A criação de uma “rede de mediadores” é um processo que visa sair ao encontro, convidar, envolver, comprometer mais pessoas, que façam esta ponte entre a Igreja e a Cidade, entre a Paróquia e a vida concreta das famílias. Na realidade, se não fordes vós as suas testemunhas no próprio

ambiente, quem o será em vosso lugar? “O cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida” (Bento XVI, Homilia, 14.05.2010). “*Não se pode deixar estar as coisas como estão*” (EG 27).

10. Por último, mas não o menos importante, é assumir o lugar privilegiado dos pobres na comunidade e o imperativo evangélico no cuidado da fragilidade. O mundo da pobreza (carência de bens essenciais e materiais) e das novas pobreza (solidão, doença, luto, separação conjugal, ignorância religiosa, exclusão social etc) reclama a atenção de uma comunidade “*pobre de meios, mas rica no amor*”. Os grupos paroquiais ligados à pastoral sociocaritativa não podem ser marginais, na organização pastoral da comunidade, mas parte integrante da missão da Igreja, a quem cabe o serviço da Caridade e não apenas o da Palavra e da Liturgia. Não basta falar de Deus, mas é preciso deixar Deus falar (DCE 31 c), pelo testemunho do amor gratuito. Nisto conhecerão que somos realmente discípulos missionários.

São apenas alguns desafios para a transformação missionária da Paróquia (EG, cap. I).

Que a graça d’Aquele que é maior do que Jonas (cf. Lc 11,32), e o exemplo de Maria, Senhora do Monte, Senhora da Prontidão (EG 288), nos ajude a sairmos do encontro e ao encontro com Cristo, para nos pormos todos a caminho, e a toda a pressa, porque é hora de assumirmos esta graça que marca o vosso ano pastoral “*ser cristão e viver em missão*”!

Padre Amaro Gonçalo

Funchal, 23 de janeiro de 2019

BIBLIOGRAFIA

- A.A.V.V., *Francesco. Evangelii Gaudium. Testo integral e commento de «La Civiltà Cattolica»*, Ed. Ancora, Milão 2014.
- A.A.V.V., *La alegría del evangelio. Claves y propuestas para la comunidade evangelizadora*, Ed. PPC, Madrid, 2014
- AA.VV., *La Iglesia del futuro*, in *Revista Concilium*, n.º 377 (setembro 2018), Ed. Verbo Divino, Estella 2018.
- ALBERTO COZZI – ROBERTO REPOLE – GIANNINO PIANA, *Papa Francisco. Que Teologia*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2017
- ALPHONSE BORRAS E GILLES ROUTHIER, *A nova Paróquia*, Ed. Gráfica de Coimbra 2, Coimbra 2010
- AMARO GONÇALO, *Estamos demasiado habituados a ver a missão como um ‘à parte’ ou um adorno da nossa vida cristã*, in *Jornal da Madeira*, 10 Novembro, 2018 [Entrevista a Luísa Gonçalves, Luisa Gonçalves, na rúbrica Pedras Vivas].
- AMARO GONÇALO, *Homilia no V Domingo Comum C*, 2010
- AMARO GONÇALO, *Um convite a Paulo. Fica em minha casa*, Ed. Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar, Porto, 2008
- ANTÓNIO SÉRGIO TORRES, *Pastoral familiar: levantar-se em cada manhã com as famílias*, in *Theológica*, 2ª série, 41, 1 (2006), 97-118
- BENTO XVI, *Discurso durante o encontro com os sacerdotes da diocese de Albano (ITÁLIA)*, 31-08-2006
- BENTO XVI, *Encíclica Deus Caritas est*, Ed. Paulinas Prior Velho 2006
- BENTO XVI, *Homilia na Avenida dos Aliados*, Porto, 14.05.2010
- BENTO XVI, *Homilia para a celebração eucarística para a inauguração solene da Assembleia XIII Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, Roma, 7 de outubro de 2012.
- CARDEAL CARLO MARIA MARTINI, *Levanta-te e vai a Nínive, a grande cidade. Carta sobre a evangelização das grandes cidades*, Ed. Loyola, São Paulo 1992
- COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Reflexões sobre a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Papa Francisco*, Moscavide 2914 (documento em pdf)
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP), *Carta Pastoral “A Família, esperança da Igreja e do mundo”*, Fátima, 31 de maio de 2004
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (CEP), *Carta Pastoral “Como Eu fiz, fazei vós também”*, Fátima, 10 de junho de 2010.
- DENIS VILLEPELET, *A proposta da fé em contexto de crise de transmissão. O futuro da catequese europeia*, col. Ferramentas Catequéticas, Ed. SEDCIA, Porto, 2005
- DIOCESE DE ANGRA, *Orientações Diocesanas de Pastoral. Da alegria do Evangelho à saída missionária da Igreja*, Açores 2014
- DIOCESE DO PORTO, *Plano Diocesano de Pastoral 2016-2017*, Porto, 2016
- DIOCESE DO PORTO, *Plano Diocesano de Pastoral 2017-2018*, Porto, 2017
- DIOCESE DO PORTO, *Plano Diocesano de Pastoral 2018-2019*, Porto, 2018
- DIOCESE DO PORTO, *Plano Diocesano de Pastoral, para o quinquénio 2015/2020*, Porto, 2015
- DOM ANTÓNIO MARTO, *Carta Pastoral “Testemunhas da Ternura de Deus”*, Leiria-Fátima, 8.09.2007.
- DOM ANTÓNIO MARTO, *Homilia no Dia da Cidade de Leiria*, 22.05.2007
- DOM CARLOS AZEVEDO, *Conferência sobre Dom António Barroso*, Senhora da Hora, 19.05.2018.
- DOM MANUEL LINDA, *Homilia na Missa inaugural*, 15.04.2018
- ENZO BIANCHI E RENATO CORTI, *A Paróquia*, Edições, Prior Velho 2006
- FABRIZIO MERONI – ANASTÁCIO GIL (Coord.), *La Misión, futuro de la Iglesia. Missio ad-inter gentes*, Ed.PPC, Madrid 2018, p.152.
- FRANCESCA AMBROGETTO - SERGIO RUBIN, *Papa Francisco, Conversas com Jorge Bergoglio*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2013
- JAMES MALLON, *Manuel de survie pour les paroisses. Pour une conversion pastorale*, Ed. Artège, 2.ª ed., Paris 2015, 103-212;

- JAMES MALLON, *Una renovación divina. De una parroquia de mantenimiento a una parroquia misionera*, E. Bac 2015.
- JUAN JOSÉ PÉREZ-SOBA, *La pastoral familiar. Entre programaciones pastorales y generación de una vida*, Ed. BAC Popular, Madrid 2014
- JUAN PABLO GARCIA MAESTRO, *La opción misionera*, Ed. San Pablo, Madrid, 2018, 96-105.
- PAPA FRANCISCO, *A alegria do amor. Exortação Apostólica Amoris Laetitia*, Ed. Paulinas – Secretaria Geral do Episcopado, Prior Velho, 2016
- PAPA FRANCISCO, *A alegria do Evangelho. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas-Secretaria Geral do Episcopado, 2013
- PAPA FRANCISCO, Bula «*Misericordiae vultus*» (O rosto da misericórdia), na proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 11.04.2015
- PAPA FRANCISCO, *Discurso sobre a evangelização das grandes cidades*, 27.11.2014
- PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013
- PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2018
- PAPA FRANCISCO, *Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude 2014*, 21.01.2014
- PAPA FRANCISCO-PADRE ANTONIO SPADARO, *A Esperança. A entrevista exclusiva ao Papa Francisco*, Col. Diálogos de fé, Paulus Editora-Cofina Media-Edição Glaciar, janeiro de 2014;
- PAPA FRANCISCO-PADRE ANTONIO SPADARO, *Sonho com uma Igreja Mãe e Pastora. A entrevista exclusiva do Papa Francisco ao Padre António Spadaro*, Ed. Paulus – A.O. 2013; cf. *Revista Brotéria*, agosto-setembro 2013; ou ainda cf. <http://www.broteria.pt/component/content/article/101-entrevista-exclusiva-do-papa-francisco-as-revistas-dos-jesuitas>
- PHILIPPE BACQ-CHRISTOPH THEOBALD, *Uma nova oportunidade do Evangelho*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2013
- RINO FISICHELLA, *A nova evangelização. Um desafio para sair da indiferença*, Ed. Paulus, Lisboa 2012
- SÃO JOÃO PAULO II, Carta Ap. *Redemptoris Missio*, Ed. Paulistas, Lisboa 1991
- SÃO JOÃO PAULO II, Carta Apostólica «*Novo Millennio ineunte*» (No início do novo milénio), no termo do Grande Jubileu do Ano 2000, 06.01.2001
- SÃO JOÃO PAULO II, Ex. Ap. *Catechesi Tradendae*, Ed. A.O. 4ª ed., Braga 1982
- SÃO JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Chrstifideles Laici* (30.12.1988)
- SÃO PAULO VI, Ex. Ap. *Evangelii Nuntiandi*, Ed. A.O. 6ª ed, A.O., Braga 1983
- STEPHEN B. BEVANS Y ROGER P. SCHROEDER, *Teología para la mision hoy. Constantes em contexto*, Ed. Verbo Divino, Navarra 2009
- TIAGO FREITAS, *Colégio de Paróquias. A Paróquia em tempos de mobilidade*, Ed. Paulinas 2018.
- V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO e DO CARIBE, *Documento final*, Aparecida, 13-31 de maio de 2007.
- VÍCTOR MANUEL GERANDEZ-PAOLO RODARI, *A revolução suave do Papa Francisco*, Ed. Paulinas, Prior Velho 2014
- WALTER KASPER, *O Evangelho da família*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2014